

Javier Naranjo [org.]

ilustrações de Lara Sabatier

casa das estrelas

o universo pelo
olhar das crianças

 Planeta

Tradução

Carla Branco

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Javier Naranjo, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.
Título original: *Casa de las estrellas*

Preparação: Andréa Bruno

Revisão: Laura Figueira

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Casa das estrelas : o universo pelo olhar das crianças
/ seleção de Javier Naranjo ; ilustrações de Lara Sabatier ;
tradução de Carla Branco. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.
144 p.

ISBN: 978-85-422-1425-3

Título original: Casa de las estrellas

1. Literatura colombiana 2. Citações e máximas -
Infantojuvenil I. Naranjo, Javier II. Sabatier, Lara III. Branco, Carla

18-1479

CDD 808.882

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

As palavras são moedas gastas que os homens trocam em silêncio.

Mallarmé

A palavra une a impressão visível com a coisa invisível, com a coisa ausente, com a coisa desejada ou temida, como uma frágil ponte improvisada estendida sobre o vazio. Por isso, para mim, o uso justo da linguagem é o que permite aproximar-se das coisas (presentes ou ausentes) com discrição e atenção e cautela, com o respeito àquilo que as coisas (presentes ou ausentes) comunicam sem palavras.

Ítalo Calvino

Pleno de méritos, mais poeticamente habita o homem sobre a terra.

Hölderlin



Planeta

“Infância” vem do latim *infans*: o que não fala.
As crianças que falaram aqui não conheciam
essa definição.

A cada uma delas, minha gratidão.

Ainda que pareça excessivo para os adultos que
somos, sem a voz da criança, não há descober-
ta possível, nem poesia, nem paraíso, nem dor,
nenhum conhecimento, nenhuma comunhão.



Planeta

Javier Naranjo



Palavra de criança

“Em lábios de crianças, loucos, sábios, apaixonados ou solitários brotam imagens, jogos de palavras, expressões surgidas do nada... Feitas de matéria inflamável, as palavras se incendeiam assim que as roçam a imaginação ou a fantasia.”

Octavio Paz



Planeta

Era uma vez, quando todas as coisas nos falavam e quando nós, adultos, também escutávamos as crianças, uma celebração, em um colégio de Rionegro, Antioquia, do Dia das Crianças. Estávamos no ano de 1988 e preparávamos uma festa para todos.

Os professores organizaram diversos jogos – pistas escorregadias, competições e partidas de futebol – e as mães prepararam tortas e sucos. As salas de aula e o auditório estavam decorados com flâmulas e bandeirinhas de cores vivas. Teríamos aula nas primeiras horas e logo, à luz do meio-dia, nos “enfestaríamos”. Estávamos na aula de criação literária, fizemos um primeiro jogo de palavras, rimos, li um fragmento de um conto e, entre todos, imaginamos finais possíveis.

Faltando pouco para terminar a aula, tive a ideia de pedir às crianças que escrevessem em seu caderno o que era uma criança para elas. Luis Gabriel Mesa, de 7 anos, escreveu: “Uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, joga bola, pode brincar e ir ao circo”. Surpreendeu-me a síntese que ele havia feito, a beleza das palavras quando se casam dessa maneira, a construção tão sábia e simples.

Sinônimos, talvez? Johana Villa, de 8 anos, escreveu: “Para mim, a criança é algo que não é cachorro. É um humano que todos temos que apreciar”. Ri às gargalhadas, mas com um espinho cravado no riso. Desfrutei a maneira como

definiu negando, encantou-me a palavra “apreciar”, a obrigatoriedade dóida que encontrava em “temos”. Desfrutei sem todas estas futuras considerações... Desfrutei a maneira como eles viam a si próprios e, sobretudo, quando comecei a soltar-lhes palavras para que definissem, surpreendi-me sozinho e às gargalhadas com a sua doce e sábia “irresponsabilidade”. Apesar de a poesia, para Eulalia Vélez, de 12 anos, ser “expressão de reprimidos”, para mim, era claro que nas crianças, em seu abandono, em sua liberdade interior, encontram-se caminhos certos para a poesia.

Mas o que é criação literária? Como eram essas aulas? Custa-me dar forma a algo que dificilmente a tenha, já que as aulas não obedeciam a um esquema rígido. As aulas, assemelhando-se a seres vivos, moviam-se um pouco ao sabor de sua vontade, buscando a nossa para poder acontecer. Não havia qualificações, não havia mediadores e, enquanto os adolescentes nos olhavam das janelas fechadas em seus cursos de física ou química, nós, sentados na grama, brincávamos.

Apassionados, seguíamos o caminho que faziam as palavras, com suas bifurcações, jardins secretos, pontes e alamedas. Passávamos bons momentos: inventávamos contos, países imaginários com seus rios, animais, moedas e deuses – como o país de Niclan, cujo Deus supremo se identifica com o ar e não tem limites, como define claramente Emilse Vallejo, em seus 9 anos

de idade, “pois está na minha mente e minha mente não tem limites”.

Inventávamos histórias como fazia Gianni Rodari,¹ entrávamos na sala de jogos, fazíamos acrósticos, caligramas, rimas, encenações, palíndromos, cartas que nos escrevíamos, palavras cruzadas, poemas, contos sem início ou sem final. Líamos muito. Lia-lhes em voz alta e, pouco a pouco, em meio a todas as brincadeiras, propunha-lhes que escrevêssemos palavras. Não quis que se tornasse uma obrigação. Cuidei para que nunca chegassem a exclamar: “Ah, que preguiça, mais palavras!”. Devia continuar sendo divertido, nada que parecesse um dever, um hábito. Um jogo dos bons, desses que nunca se cansa de jogar.

Passaram-se os anos, o tempo, que, segundo Roger de Jesús Valencia, de 9 anos, é “algo que corre na gente”. E eu levava os cadernos para casa como quem leva um tesouro e, assim, o esmiuçava. No meio de muitas palavras sem força expressiva, palavras empobrecidas pelo uso, reluziam joias com todo o poder de origem, palavras carregadas de força primordial, ingênuas palavras costuradas docilmente ao que era nomeado. Poesia pura.

Em 1994, enviei à Colcultura (o Ministério da Cultura à época) parte do trabalho desen-

¹ Gianni Rodari (1920-1980), premiado escritor italiano de literatura infantil. (N. E.)

volvido. Optei por uma das bolsas que me concederam para continuar o trabalho nas escolas semiurbanas de Chipre e Tres Puertas, em Rionegro. Continuei recolhendo as frases das crianças – brincamos, desfrutamos a liberdade que igualmente nos deram – e transcrevia depois o que havia nos cadernos, seus titubeios, seu modo singular de fazer com que as palavras se encontrassem.

O nome do livro surgiu de uma definição dada por um estudante enquanto celebrávamos o Dia da Terra. Quero contar a história. Naquele dia, fazíamos um pequeno rito no colégio: íamos inaugurar um relógio de sol com um bando de pombinhas que levantaria voo ao meio-dia, enquanto os sinos de uma igreja próxima repicavam – conseguimos convencer o pároco da importância do ato. Depois que as pombinhas voassem entre nós, orientando-se para encontrar seu rumo, as crianças leriam as frases que eu as tinha convidado a escrever e começaria, em seguida, um concerto de um grupo de rock que interpretava Pink Floyd. No momento do voo, do repique dos sinos, e insinuando-se apenas o primeiro acorde das guitarras, Carlos Gómez revelou-nos que o “universo é a casa das estrelas”, e soubemos sem interrupções que “Deus e a morte são um”, como já sabiam os poucos 7 anos de Edison Albeiro Henao.

As palavras surgiram sem nenhuma deliberação particular, salvo – talvez – que fossem

sugeridas. Quantas e quais o são na vertigem da linguagem? Em muitos casos, as crianças escolheram. Seu gosto ou desprezo escolheu. Houve também casos nos quais a palavra, despojada de sentido – sonoridade pura e ritmo –, quis, propôs buscar a si mesma. Com certeza, um plano de trabalho mais definido, menos “aleatório”, teria proporcionado resultados mais “evidentes”, menos esquivos à sistematização. Mas todos gostamos do jogo, com as regras que ele impôs. E as palavras “sistematização”, “planejamento”, “resultados” e outras parecidas não entravam nele.

Do material obtido, fez-se uma seleção, na qual se corrigiu somente a ortografia e, em poucos casos, a pontuação. Respeitei a voz das crianças, suas hesitações, seus deslocamentos, sua secreta arquitetura. Seus achados no milagre de revelar o enunciado. Respeitei sua vontade de esquecimento ou profunda memória. Sinceridade na intenção. Voz que acontece alheia ao que quer impor o já sabido: no mundo gasto, rotulado pela pobreza “já conheço tudo”.

Sei que muitas pessoas e muitos escritores menosprezam o que as crianças escrevem, pois, a seu juízo, nisso não há rigor nem disciplina, nem um conhecimento da língua medianamente operativo. Os motivos que eles combatem são justamente os que me fazem desfrutar essas criações infantis e encontrar nelas um alto valor estético. É por seu aban-

dono com as palavras, por sua liberdade de associação, por sua indiferença ao uso justo e normativo da linguagem que as crianças ocasionalmente criam textos plenos de riqueza.

Quero mencionar também que a mim nada me diz o que algumas pessoas valorizam na escrita infantil; em vez disso, me parecem detestáveis essas frases adocicadas, que falam de um mundo idílico, cheio de carinhos e baboseiras que qualquer um pode encontrar em tantos livros da chamada Nova Era. E as crianças escrevem, zombando por dentro da necessidade patética que temos de que suas palavras caibam em nossa pobreza mental.

As crianças estão mais próximas da experiência poética que os adultos, cheios como estamos de deveres que nos negam a contemplação, pois sempre há algo a fazer. Essa proximidade é o que elas nos contam quando escrevem e ainda não lhes impusemos nosso precário saber do mundo. Os adultos menosprezam o que as crianças escrevem, na maioria das vezes nem as veem, ou as consideram idiotas, sacos ranhentos e vazios para encher com toda a “sabedoria dos grandes”. Ah, e também existem as pessoas que olham as crianças com a indulgência de uma torpe bobagem ou com a urgência de convertê-las em gênios, sem nenhum pinga de infância, e já em seus poucos anos transformadas em pequenos monstros vaidosos.

Com o perdão de Andrés Felipe Bedoya, de 8 anos, para quem adulto é uma “pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro de si”, aqui vou novamente em primeira pessoa: não simpatizo muito com quem diz o que temos de fazer, mas ainda assim creio que deveríamos repensar a forma como nos relacionamos com esses “loucos baixinhos”. Quem dera pudéssemos “escutá-los” e “vê-los” para então entender seus medos e aliviar suas dores e também para “relembrar” a beleza, o assombro de estarmos vivos. A poesia.

Quero terminar com umas palavras do escritor irlandês George Bernard Shaw, quando disse: “Desde muito pequeno tive que interromper a educação para ir à escola”.

Javier Naranjo





Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

adulto

Pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro de si.

(Andrés Felipe Bedoya, 8 anos)

Criança que cresceu muito.

(Camilo Aramburo, 8 anos)

Pessoa que fica obcecada em fazer amor.

(Simón Peláez, 11 anos)

Quando uma pessoa está morta.

(Héctor Barajas, 8 anos)

água

É como se tivesse algo na mão e como se não sentisse nada na mão.

(Alex Gustavo Palomeque, 7 anos)

Transparência que podemos tomar.

(Tatiana Ramírez, 7 anos)

Líquido que não se pode beber.

(Nelson Ferney Ramírez, 7 anos)

alegria

A força de ser e de sentir.

(Catalina Sanín, 9 anos)

alma

A alma pulsa.

(Catalina Taborda, 7 anos)

A pele.

(Alex Gustavo Palomeque, 7 anos)



Planeta



Trecho anticipado para divulgação. Venda proibida.

amor

É quando batem em você e dói muito.

(Viviana Castaño, 6 anos)

O que cada coração reúne para dar a alguém.

(Lina María Murillo, 10 anos)

É quando uma pessoa se ama e até pode casar e ter filhos e todas essas besteiras.

(Ana Cristina Henao, 8 anos)

Quando alguém faz amor e se beija, os dentes apodrecem.

(Edison Albeiro Henao, 7 anos)

Se apaixonar pode ser paz.

(Carolina Murillo, 7 anos)

Beija ela.

(Jaber Alberto Piedrahíta, 8 anos)

Eu gosto de me casar e de comprar um palhaço pra mim.

(Salomé Peláez, 4 anos)